

## AGAMEMNON - Ésquilo

### PERSONAGENS

Agamemnon . . . . . Servas

Clitemnestra . . . . . Vigia

Cassandra Arauto'

Egisto Coro de Anciãos

*(No fundo da Orquestra, o Palácio dos Atridas. No terraço da casa, o Vigia está reclinado)*

O VIGIA- Peço aos deuses o fim de minhas labutas! Estou vigiando. faz tantos anos. como um cão, no terraço do palácio dos Atridas, que conheço a assembléia das estrelas noturnas, sobretudo destes astros que trazem aos mortais o inverno e o verão, fúlgidos Soberanos a resplandecerem no Eter- e cujo levantar e ocaso não me são desconhecidos

E agora aguardo o sinal do facho, -o clarão da chama que, de Tróia, trará a notícia, o anúncio da vitória, pois assim ordena um coração esperançoso de mulher e seus desígnios viris.

Quando aqui estou, agitado durante a noite, neste leito impregnado de orvalho e nunc\_r visitado pelos sonhos, pois em vez do sono é o medo que se aproxima de mim e não me deixa cerrar as pálpebras para adormecer; quando quero cantar ou cantarolar, remédio sonoro contra a sonolência, então ponhc;-me a chorar, lamentando a desgraça desta casa onde não reina mais a bela ordem de amanhã.

Oxalá chegue o termo feliz de minhas canseiras e a chama. mensageira de alegria, ilumine as trevas!

*(O brilho de uma labareda aparece. O Vigia ergue-se)*

Salve! facho, que faz brilhar pela noite um clarão como a luz do dia e formar em Argos inúmeros coros para celebrar a vitória!

*(Levanta-se e grita)*

lú! lú! Aviso com grandes gritos a esposa de Agamemnon, peru que, erguendo-se depressa do leito, em resposta a este facho, solte no Palácio gritos de alegria, pois 11ion caiu, como o proclama o sinal d.o fogo.

E eu, o primeiro, dançando, vou iniciar a festa, pois considero meus os sucessos de meus Senhores-e, com este facho, fiz uma boa jogada!

Ao menos possa eu apertar na minha mão a mão querida do Senhor desta casa, quando ele voltar! Calo o resto-um grande boi está na minha língua. Mas, o próprio Palácio, se tivesse voz, falaria claramente. Falo de hom grado para os que sabem, mas com os que não sabem, esqueço tudo.

*(Penetra no Palácio. Os Anciãos do Coro entram na Orquestra)*

O CORIFEU. Faz já dez anos que Príamo viu se levantarem temíveis adversários, os reis Menelau e Agamemnon, os dois poderosos filhos de Atreu, honrados por Zeus com duplo trono e duplo cetro. Levaram desta terra a expedição dos Argivos, mil navios, poderosa força de guerra.

- Do fundo do coração soltavam terríveis gritos guerreiros como de abutres que, desesperados com a perda de seus filhotes, voltejam sobre os ninhos e remoinham, batendo o espaço com o remo de suas asas, frustrados que são das penas tomadas para guardar os filhinhos.

Mas, por cima deles, uma divindade-Apolo, Pá ou Zeus-escuta, gritada em linguagem de aves, a queixa aguda destes hóspedes do céu, e manda, cedo ou tarde, sobre os culpados a Erínia vingadora.

Assim, o poderoso Zeus Hospitaleiro, envia .os filhos de Atreu contra Alexandre e, por causa duma mulher que o foi de mais de um homem, houve inúmeros combates, joelhos dobrados no pó e lanças quebradas desde o início das lutas. Tal foi a sorte que Zeus reservou a Damos e Troianos igualmente.

Agora, o que está feito, está feito. Cumpre-se o destino. Nem pondo lenha sob as oferendas, nem derramando óleo por cima, se pode aplacar a cólera inflexível que denotam sacrifícios dos quais a chama não quer.

Quanto a nós, cujo corpo envelhecido não pode pagar sua dívida, nós que fomos deixados de fado pela expedição, ficamos aqui dirigindo, apoiados em cajados, forças de crianças, pois a seiva nova que sobe em peitos infantis é semelhante à dos velhos, onde Ares não habita mais.

E que é um velhinho quando sua folhagem já murchou? Caminha sobre três pés e, em nada mais vigoroso do que uma criança, vagueia como um sonho aparecido em pleno dia.

*(Voltado para o Palácio)*

Mas tu, filha de Tíndaro, rainha Clitemnestra, dize, que há? Que notícias tens? Que aprendeste? Em que mensagem te apoias para ordenares que se ofereçam sacrifícios por toda parte? De todos os deuses da cidade-deuses celestes e infernais, deuses das casas e da praça pública-os altares ardem com oferendas. De todos os lados sobe até os céus uma chama perfumada pelos suaves e legítimos estímulos de um óleo sagrado, chama das oferendas reais trazidas do fundo do Palácio.

De tudo isso. dize-me o que me é possível e permitido saber e cura minha alma apreensiva que ora se tortura, ora sente a esperança que afasta a angústia devoradora, insaciável de minha tristeza, ao ver os sacrifícios cujas chamas fazes brilhar.

O CORO-Posso pelo menos contar que presságio imponente saudou a partida destes varões vigorosos, pois os deuses concedem ainda à velhice uma força: a fé que seus cantos inspiram; e como os dois poderosos reis dos Aqueus. cujas vontades unidas mandam na juventude grega, partiram para a Teucrida-lanças e braços prontos para a vingança-acompanhados por um presságio guerreiro: dois reis das aves apareceram aos reis das naus, um todo preto, outro branco nas costas.

Apareceram perto do Palácio, do lado da mão que brande a lança, num lugar bem à vista, e devoraram, com seus filhotes, uma lebre prenhe, apanhada em sua última corrida.

Entoa o canto lúgubre, lúgubre, mas triunfe a sorte feliz!

O sagaz adivinho do exército reconheceu nestes belicosos devoradores da lebre os dois guerreiros Atridas, de igual querer, chefes da armada, e disse, ao interpretar o prodígio:

"Com o tempo esta expedição apoderar-se-á da cidade de Príamo, e todas as antigas riquezas que o povo acumulou em suas torres, a Moira as aniquilará brutalmente.

Mas, cuidado! que nenhum ciúme divino venha antes esmagar e cobrir com sua sombra terrível o freio forjado contra Tróia, sole a forma do exército!

Pois a casta Ártemis, comovida de compaixão, irritou-se por terem os cães alados de seu Pai imolado a pobre lebre com sua prole antes de dar à luz; com efeito, odeia o banquete das águias.

Entoa o canto lúgubre, lúgubre, mas triunfe a sorte feliz!

Eis que a formosa deusa, benevolente para com os cachorrinhos dos leões selvagens, e cheia de ternura para com os filhotes de todas as feras agrestes, convida-me a desvendar os sinais dados por estas aves, visões de esperança, mas ao mesmo tempo de temor.

Com grito agudo invoco Pá, para que Ártemis não mande às naus gregas ventos contrários que retêm no porto a frota imóvel, numa longa espera, e não exija em troca um sacrifício monstruoso, cuja vítima não será comida, e que suscitará discórdias no seio das famílias, sem mesmo respeitar um esposo.

Pois aí está pronta e vai se erguer de novo, terrível, uma pérfida intendente, a Cólera que não esquece e que vinga os filhos."

Tais foram os inelutáveis destinos sinistros, mas associados a grandes prosperidades. que Calcas, em presença dos presságios das aves, anunciou ao Palácio real.

De acordo com estes presságios, entoa o canto lúgubre, lúgubre; mas triunfe a sorte feliz!

Zeus-seja qual for o seu verdadeiro nome, se este lhe agrada, é com ele que vou invocá-lo.

Tenho tudo bem pesado: em ninguém a não ser em Zeus posso pensar, para ser aliviado, verdadeiramente, do fardo de minha estéril angústia.

Houve, outrora, um ,deus cheio de audácia para todos os combates. Um dia nem se dirá mais que existiu...

Um outro veio depois; encontrou também seu vencedor...

Mas, quem, de toda sua alma, celebrar Zeus triudfadngoh~terá a suprema sabedoria.

Abriu aos mortais os caminhos da Prudência; Zeus, o Mestre que lhes deu esta lei: SOFRER PARA COMPREENDER.

Quando, no sono, sob o coração, cai gota a gota o doloroso remorso, a sabedoria neles penetra, apesar de suas relutâncias: favor violento dos deuses sentados no trono sagrado...

Foi assim que outrora o chefe mais venerável das naus aquéias, em vez de se opor ao adivinho, fez-se cúmplice -de calamidades: os Aqueus, impossibilitados de navegar, exaustos, estavam frente a Calcis, no meio das ondas agitadas de Aulis.

Os ventos sopravam do Estrimon. Causavam atraso funesto, fome, dificuldade de abordagem, dispersão das tripulações, gasto das naus e dos cabos e, impondo sempre novas dilações, esgotavam a flor dos Argivos. E quando o adivinho, em nome de Ártemis, proclamou aos chefes o remédio ainda mais doloroso do que a amarga tempestade, então os Atridas, batendo no chão com seus bastões, não retiveram as lágrimas.

E o rei dos reis assim falou: "Cruel é meu destino se desobedeço; cruel também se sacrifico rainha filha, orgulho de minha casa, manchando, perto do altar, minhas mãos de pai com o sangue de uma virgem imolada.

Que partido tomar que não seja desgraça? Como poderia eu, desertando .da esquadra, faltar aos deveres dum aliado? Uma vez que o sacrifício deste sangue virginal acalma os ventos, com ardor, ardor extremo, . é permitido desejá-lo; que nos seja salutar!"

Quando assim se dobrou sob o jugo do destino, deu uma reviravolta ímpia, criminosa, sacrílega, e resolveu tudo ousar.

Com efeito, a demência, funesta conselheira, fonte dos males, insufla audácia aos mortais.

Ousou, pois, tornar-se o sacrificador de sua filha, para ajudar a recuperar pelas armas uma mulher, e abrir o mar às naus.

Nem das súplicas, do apelo ao pai, nem da idade juvenil, de nada fizeram caso estes chefes belicosos. Após a invocação aos deuses, o pai fez um sinal aos servos, para que, tal uma cabra, a colocassem sobre o altar, envolta em seu véu, a cabeça pendente, e que lhe amordaçassem a linda boca para impedir qualquer imprecação contra os seus. Brutalidade muda de freio! . . .

Mas quando a túnica cor de açafão deslisou sobre o solo, a moça feriu de compaixão a cada um de seus algozes com o dardo de seu olhar. Parecia uma imagem pintada querendo em vão falar, ela que, tantas vezes, na sala dos banquetes paternos, cantava e, com sua voz pura, entoava para a terceira libação o feliz peã de seu pai amado.

O que seguiu, não vi, não digo. Mas a arte de Calcas não é vã. Só aos que sofreram, a Justiça dá de compreenderem. O Futuro, quando chegar, poderás conhecer. Até lá, vive feliz! pois seria gemer de antemão. Revelar-se-á claramente, como a luz do sol.

Oxalá se levante o ditoso sucesso que espera aquela que, mais próxima do senhor, é a única defensora da terra de Apis!

*(Clitemnestra aparece à porta do palácio)*

CORIFEU-Venho, Clitemnestra, prestar homenagem à tua autoridade, pois é justo honrar a esposa do rei, quando seu trono está deserto. Mas, tens alguma boa nova? ou é só a Esperança, doce mensageira, que te convida a sacrificar? Escutar-te-ei com alegria, mas se calares não te censurarei...

CLITEMNESTRA-Doce mensageira, segundo o provérbio, seja a Aurora, filha da doce Noite! Escuta, tua alegria vai superar toda esperança: os gregos conquistaram a cidade de Príamo.

CORIFEU-Que dizes? Mal compreendi, tanta dificuldade sinto em acreditar.

CLITEMNESTRA-Tróia é dos Gregos! Não falo claro?

CORIFEU-A alegria me invade e me faz chorar.

CLITEMNESTRA-Sim, teus olhos bem revelam teus bons sentimentos.

CORIFEU-Mas, tens algum sinal fidedigno deste acontecimento?

CLITEMNESTRA-Tenho, a não ser que algum deus me tenha

enganado.

CORIFEU-Tua credulidade se fiaria nos fantasmas dos sonhos?

CLITEMNESTRA-Não acredito nas visões do espírito adormecido.

CORIFEU-Então rumores que voam te enchem de ilusões?

CLITEMNESTRA-De certo, zombas de mim, como se fosse criança...

CORIFEU-Desde quando a cidade caiu?

CLITEMNESTRA-Desde a noite benfazeja que nos deu este dia.

CORIFEU-Que mensageiro poderia chegar tão depressa?

CLITEMNESTRA-Hefaístos que enviou do monte Ida uma chama brilhante. O sinal de fogo mandava logo outro sinal, como correio luminoso: do monte Ida para o rochedo de Hermes em Lemnos; o intenso clarão mandado da ilha é recebido pelo monte de Zeus, o Atos -terceiro estafeta-e a poderosa chama viageira, para nossa alegria, transpõe as ondas do mar.

*(Tersos perdidos...)*

O archote, resplandescente como um sol, transmite a mensagem ao observatório de Makistos. Este não demora, não se deixa vencer pelo sono, não perde a vez de mensageiro, e o fulgor do facho

parte, ao longe para o Euripo agitado e transmite o sinal aos vigias de Messapios. Estes, em resposta, acendem sua fogueira e comunicam a mensagem, pondo fogo em urzes secas.

Sempre ardente e sem enfraquecer, a tocha atravessa de um salto, a planície de Asopos, semelhante à lua brilhante, e sobre o Citeron desperta o correio de fogo que a reveza. O vigia acende um fogo ainda maior do que lhe foi ordenado. uma labareda que se projeta ao longe. O clarão pulou por cima do lago Gorgopis e, alcançando o monte Egiphanctos, convida o fogo prescrito a não perder tempo: acende-se uma fogueira de ardorosa impetuosidade e envia-se uma gigantesca língua de fogo, que ultrapassa flamejante, o promontório em frente o estreito Saronicos. Ei-la que saíta, ei-la que alcança o monte Aracne, observatório vizinho da Cidade, ei-la por fim que atinge este terraço dos Atridas, chama ligada em linha reta ao fogo do monte Ida.

Tais eram pois as leis dadas aos meus lampadóforos: deviam passar um ao outro o facho, de maneira que .a primeiro venceu tanto quanto o último corredor. Aí está o sinal, digo-te, que de Tróia me mandou meu esposo.

CORIFEU-Senhora, ,darei graças aos deuses ainda uma vez . . . mas, desejaria ouvir de novo o que disseste para admirá-lo à vontade.

CLITEMNESTRA-Nesta hora os Aqueus estão em posse de Tróia. Parece-me ouvir na cidade de Príamo clamores inconfundíveis. Deita vinagre e ó:eo no mesmo vaso, separar-se- ão-durias que são inimigos. Assim dos vencedores e dos vencidos não se podem confundir nem vozes nem destinos.

Uns, caídos no chão, abraçam os cadáveres dos irmãos, e os filhos de anciãos, outrora felizes, gemem, do fundo de uma garganta doravante escrava, pela sorte de seus queridos pais.

Outros, exaustos pelos combates noturnos, famintos, buscam sua refeição matinal pela cidade; mas, entre eles, nenhum sinal de agrupamento. Cada um, segundo a sorte que tirou, instala-se já nas casas conquistadas dos Troianos, finalmente livres de geadas e orvalhos ao relento. Como vão dormir felizes a noite toda, sem ter de se preocupar com sentinela!

Se respeitarem os deuses da cidade vencida e seus santuários, os vencedores não serão vencidos. Mas oxalá a paixão de saquear o que não é lícito não se aposses de nossos soldados! Necessitam ainda de um bom regresso até seus lares: precisam refazer na volta o caminho da ida... Ainda que o exército parta sem ter ofendido os deuses, o mal feito aos mortos pode acordar, se é que não suscitou já castigos imediatos.

Tais são as reflexões que ouves de uma mulher. Possa a felicidade triunfar incontestavelmente! Nada desejo a não ser gozar de tão grandes sucessos.

CORIFEU-Mulher, falas com acerto superior a um homem sensato. Ao te ouvir, julgo fidedignos os sinais que me deste, e me disponho a glorificar os deuses: uma alegria digna de nossos trabalhos nos é finalmente dada.

*(Clitemnestra entra no palácio)*

CORO-Ó Zeus soberano, ó Noite amiga que nos conquistaste tão deslumbrantes honras! Lançaste sobre as muralhas de Tróia uma rede tão envolvente que nenhum homem, nenhuma criança conseguiu escapar das malhas apertadas da escravidão que os prendeu to-dos.

Sim, adoro o grande Zeus Hospitaleiro. Foi ele que fez tudo e tanto tempo ficou como arco retesado contra Alexandre, para não lançar um dardo inútil, antes da hora ou além dos astros.

Podem dizer que o golpe veio de Zeus; é fácil seguir-lhe o rastro. Tiveram a sorte que Zeus determinou.

Diz-se que os deuses não se importam com os mortais que pisam dos pés o respeito das coisas sagradas. Linguagem ímpia! A maldição revele-se filha das audácias criminosas naqueles que respiram um ~orgulho desmedido, quando suas casas transbordam de opulência.

A moderação é o bem supremo: Desejemos felicidade sem perigo que baste a quem o Destino dotou de boa alma. Pois nenhum baluarte pede proteger um homem embriagado, por sua riqueza que pisa aos pés o altar sagrado da Justiça. Perecerá!

Sofre a vio'ência duma funesta Persuasão, filha insuportável da Cegueira, que o empurra. Todo remédio é vão. O infortúnio não mais se oculta; aparece com seu clarão sinistro.

Como uma moeda sem valor, enegrecida pelo uso e desgaste, sofre, este homem, o castigo devido a quem, por perseguir como uma criança uma ave que voa, infligiu a sua cidade uma catástrofe terrível. Não há deus que ouça as preces do, homem culpado de tais crimes; antes o aniquilará!

Foi assim que Páris, entrando no palácio dos Atridas, desonrou a mesa hospitaleira com o rapto de uma esposa. E ela, deixando a seu país equipamentos de navios, tumultuosos combates de lanças e escudos. e levando a ruína como dote para Tróia, atravessou depressa o limiar da casa, ousando o que nunca se ousou.

Os adivinhos do palácio gemiam profundamente dizendo:

"Ai! Ai! Palácio Palácio! Príncipes! Ai! Esposa que segue os passos do amante!"

E aqui se pode ver o marido, silencioso e humilhado, posto de lado e i á desdenhoso das invectivas. Pela saudade, o fantasma daquela que se ~ foi além do mar, parecerá doravante reinar no Palácio. Mas a graça das belas estátuas é odiosa ao esposo: de seu olhar fixo e vago todo o encanto amoroso desapareceu.

As dolorosas aparições de seus sonhos só lhe trazem vã alegria; vaidade, com efeito, quando alguém pensa possuir a felicidade e ela lhe escapa das mãos, fugindo alada com o sono.

Tais eram os sofrimentos na lareira deste palácio; tais e outros ainda mais cruéis. Também em todas as casas da terra helênica de onde guerreiros partiram, a dor insuportável reina, ou pelo menos aperta os corações. Cada um se lembra daqueles que enviou, mas em vez de homens são urnas e cinzas que regressam às casas.

Ares, que troca com ouro os cadáveres, ergue no combate sua balança, e de Tróia manda aos amigos, em lugar de varões, cinzas pesadas de lágrimas, cinzas com as quais ele facilmente enche as urnas funerárias.

Geme-se, exaltando ora um guerreiro hábil nas lutas, ora aquele outro gloriosamente caído nos combates sangrentos, por causa de uma mulher alheia. Mas tudo isso se murmura em silêncio, e a dor vai-se alastrando cheia de ódio contra os Atridas, campeões da vingança.

Outros jazem intatos, sepultados em redor das muralhas nos campos de Ilion: a terra inimiga ocultou os vencedores.

Pesado o renome que surge com o ódio de um país: é preciso que pague sua dívida à maldição do povo!

Minha angústia pressente alguma tenehrosa desgraça, pois os deuses não perdem de vista os responsáveis de tantas matanças. As negras Erínias, com o tempo que tudo muda, aniquilarão um dia o homem injustamente feliz-nos que elas destruíram nenhum vigor existe mais.

Demasiada glória é perigosa. São as cabeças que o raio de Zeus atinge.

Desejo uma felicidade que não excite a inveja. Possa eu não ser nem destruidor de cidades, nem escravo ao mando de outrem! -

A notícia trazida pelo fogo-feliz mensageiro-se espalha, rápida, leia cidade. Mas quem sabe se é verdade ou mentira dos deuses? Quem é assim tão criança ou de espírito perturbado para deixar-se inflamar o coração por estranhas mensagens de fogo... e depois se entristecer com o desmentido da informação?

É próprio do governo de mulher aplaudir o que lhe agrada ante as aparências. Crédula demais, a mulher vai muito depressa e se nutre de seus desejos, mas notícia proclamada por mulher depressa também perece.

*(O Corifeu olha pela direita)*

CORIFEU-Em breve saberemos se estes fochos fulgurantes. com seus sinais e estafetas de fogo, disseram a verdade, ou se o clarão encantador enganou, como em sonho, os nossos espíritos. Vejo do lado da praia um arauto, a fronte sombreada por ramos de oliveira e, a irmã da lama, a poeira ressequida, serve-me de testemunha. Não é mais com linguagem muda, com a fumaça de fogo de lenha aceso numa montanha, mas com voz clara, chie vamos ser convidados a uma alegria maior, ou, pelo contrário... mas afastado com horror esta idéia...

Que novas felicidades ajuntem-se a estas que já brilharam para nós! Se alguém desejar outra coisa para a cidade, que colha o fruto do crime de seu coração!

*(Entra o Arauto) ~~*

ARAUTO-Ó terra de meus pais, terra de Argos! Após dez anos, cheguei... Assim de tantas esperanças quebradas, uma só se realizou. Pois, nem mais me gloriava de obter, depois da morte, o favor tão agradável de um túmulo em terra grega.



Salve, ó luz do Sol! Salve, ó Pátria! e tu, Zeus, que do alto vele sobre esta terra; e tu, Soberano de Pitô, arqueiro de quem os dardos não serão mais para nós! Durante bastante tempo, perto do rio Scamandro, nos foste hostil. Agora sê de novo nosso Salvador e Médico, ó rei Apolo !

Invoco-vos também, todos os deuses da cidade e a ti, Hermes, o meu padroeiro, arauto querido, orgulho dos arautos!

E vós, semi-deuses, que protegestes nossa partida, recelrei agora com benevolência os que poupou a lança!

Ó Palácio de meus reis, teto querido, assentos augustos; ó imagens ensolaradas de nossos deuses, ainda mais do que outrora, acolhei, como convém, com esse voeso olhar fulgurante, o rei há mu'to tempo ausente! Ele vem, com efeito, trazer uma luz em plena noite, para vós e para todos estes juntamente, o rei Agamemnon. Saudei-o magnificamente, pois o merece, ele que, com a enxada de Zeus justiceiro, destruiu Tróia, revolveu-lhe a terra, aniquilou os altares e os templos dos deuses é exterminou todo germe de vida.

Assim passou o jugo sobre Tróia o afortunado príncipe, filho de Atreu, que volta. Dentre os mortais de hoje é o mais digno de veneração.

Páris e a cidade com ele exterminada não poderão dizer que o castigo ficou aquém do crime.

Condenado por rapto e roubo, perdeu seus despojos e meteu sob a foice destruidora a casa paterna e a pátria inteira. Os Priâmidas -•agaram ao dobro seus crimes.

CORIFEU-Alegra-te, arauto do exército dos Aqueus!

ARAUTO-Alegro-me e entrego com amor minha vida aos deuses.

CORIFEU-A saudade desta terra te consumia?

ARAUTO-Ao ponto de chorar agora de alegria.

CORIFEU--Conheceis então esta nossa doce doença?

ARAUTO-Como? Instrue-me para que compreenda tua palavra.

COR'FEU-Sentíeis a saudade dos que de vós tinham aqui saudade?

ARAUTO-Esta terra chorava o exército que a chorava?

CORIFEU-De meu espírito perturbado jorravam os soluços.

ARAUTO-De onde vos vinha esta amarga tristeza?

CORIFEU-Desde muito tempo, calar é o meu único remédio.

ARAUTO-Como? Na ausência dos príncipes temias alguém?

CORIFEU-Como para ti antes, morrer seria para mim agora grande felicidade.

ARAUTO-As coisas terminaram bem, mas o que se prolonga por muito tempo, ao lado da felicidade, comporta também desgraças. Quem, a não ser os deuses, passa sem sofrimentos a vida inteira?

Se vos narrasse nossas fadigas, nossos péssimos acampamentos. os passadiços estreitos dos navios onde dormíamos no chão duro . . . Que hora do dia não nos via gemer e queixar? E -em terra firme era ainda pior. Nossos leitos estavam sob as muralhas dos inimigos, e do céu e da terra caía sobre nós a umidade dos prados em constantes estragos, enchendo de bichos o pelo dos tecidos.

E se vos descrevesse o inverno a\_ue mata os pássaros, o inverno insuportável que a nós trazia a neve do Ida... ou o calor do verão, quando ao meio-dia, o mar, que nenhuma brisa levantava, caía em seu leito e adormecia...

Mas por que lastimar ainda tudo isso? O sofrimento passou, sim,"A passou; e os mortos não pensam em se reerguer: Por que enumerar os que pereceram, para fazer sofrer os vivos com uma lembrança vindicativa? Julgo melhor dizer adeus às tristezas.

Para nós, os sobreviventes do exército argivo, as vantagens bem compensam as privações. Assim podemos nos vangloriar à luz do sol que paira sobre o mar e sobre a terra: "Conquistadora de Tróia, a expedição de Argos pregou com cravos nos templos, para os deuses da Grécia., esses despojos, antigo e esplêndido troféu."

Ao ouvirem tal mensagem todos devem celebrar a Cidade e seus chefes, e ao mesmo tempo prestar-se-á homenagem a Zeus que nos alcançou a vitória. Disse.

CORIFEU-Confesso-me vencido por tuas palavras, não o nego. A ânsia de aprender é sempre nova mesmo nos anciãos. Mas é sobretudo a este palácio e a Clitemnestra que estas notícias interessam; a mim, apenas participar delas.

*(Clitemnestra aparece na soleira do palácio)*

CLITEMNESTRA-Há muito que soltei um grito de alegria quando, de noite, chegou o primeiro mensageiro de fogo, anunciando a conquista e a ruína de Tróia. Então diziam, censurando-me: "Fiada em sinais de fogo. julgas Tróia hoje destruída? É bem próprio de mulher exaltar-se assim!" Segundo tais palavras, eu parecia louca. Entretanto ordenava sacrifícios. Por toda parte da cidade mulheres soltavam gritos rituais de alegria e, nos templos dos deuses. procurava-se adormecer a chama devoradora dos sacrifícios. E agora que necessidade há que me digas mais? Do próprio rei aprenderei tudo; vou me apressar para receber o melhor possível meu venerável esposo que regressa, pois que dia mais feliz pode brilhar para uma esposa do que aquele em que ela abre as

portas para o marido que um deus salvou da guerra? Vai dizer ao meu esposo: "Que venha depressa ao encontro dos anseios de sua cidade! Ao voltar, ele encontrará em casa uma esposa fiel, tal como a deixou, cadela de guarda do Palácio, a ele dedicada, hostil aos inimigos, sempre a mesma em tudo, e que durante a longa ausência não dissipou os depósitos a ela confiados. Desconheci o prazer-ou mesmo palavras censuráveis-com outro homem, tanto como ignoro a arte de temperar o bronze." Este elogio, cheio de verdade, não fica mal nos lábios de uma nobre esposa.

(Clitemnestra entra no Palácio)

CORIFEU-Ela falou de modo que possas compreender: para intérpretes clarividentes é linguagem plausível. Mas, dize-me, Arauto, poderei saber se Meneleu está salvo e de volta? Veio convosco o Rei amado desta terra?

ARAUTO-Não posso inventar mentiras sedutoras cujos frutos os amigos gozem por muito tempo.

CORIFEU-Oxalá alegria fosse tam),ém verdade! Pois, se separadas, ambas não se encobrem facilmente.

ARAUTO-O Rei e seu navio desapareceram do exército aqueu; eis a verdade.

CORIFEU-Partiu de Tróia diante de vós ou uma tempestade infortúnio comum a todos-o separou violentamente da armada?

ARAUTO-Como destro arqueiro atingiste o alvo e resumiste numa palavra um imenso desastre.

CORIFEU-Entre os demais marinheiros, é tido por vivo ou por morto?

ARAUTO-Ninguém nada sabe ao certo, a não ser o Sol vivificador da terra.

CORIFEU-Conta-me como a tempestade desencadeada pela cólera dos deuses caiu sobre a esquadra e como terminou...

ARAUTO-Não convém manchar um dia de alegria com notícia de luto: cada divindade deve ser honrada a seu tempo.

Quando um mensageiro, de rosto sombrio, traz à cidade a dolorosa e odiosa notícia da destruição de seu exército, quando anuncia que para a cidade inteira se abriu uma chaga, e que, de numerosas casas, numerosos homens foram arrancados e mortos pelo duplo açoite querido de Aresflagelo de duas pontas, par assassino-então convém que ele, o mensageiro carregado de tais notícias, entoe o

peã da Erínias; mas eu, mensa Beiro de salvação, ao entrar numa cidade alegre pela vitória, como misturarei sucessos com desgraças, narrando-vos a tempestade causada pelo ressentimento dos deuses montra os Aqueus?

Com efeito, uniram-se e fizeram aliança o fogo e a água, até então irreconciliáveis, para destruir o desgraçado exército de Argivos. Foi em plena noite que a terrível tormenta se ergueu contra nós. Os ventos da Trácia quebraram as naus de encontro umas às outras, e elas entrechocando-se como se fosse, com chifres, violentamente, no meio do furacão e de trombas d'água, redemoinhavam e desapareciam, sob os açoites de um pastor danado.

Quando apareceu de novo a radiosa luz do Sol, vimos o mar Egeu florido de cadáveres dos Aqueus e de destroços de seus navios.

Quanto a nós, a nossa embarcação conservava a quilha intata. Alguém furtivamente a escondeu ou intercedeu por nós; uma divindade -não um homem-tendo tomado o leme, a Sorte Salvadora, dignou-se sentar ao timão do navio, de modo que nem no porto sentíssemos o assalto das ondas furiosas, nem no mar fôssemos bater em algum escolho.

Mas depois, salvos da morte no mar, quando luziu o Sol, hesitávamos em gozar de nossa fortuna, pois uma nova dor dava-se como pasto a nossos espíritos: nosso exército tão atrozmente esmagado!

E agora, se algum deles está vivo, sem dúvida fala de nós como perdidos, enquanto nós julgamos o mesmo a seu respeito.

Oxalá tudo corra do melhor modo possível! Em primeiro lugar, e sobretudo, conserva tu a esperança .de ver chegar Menelau. Ou, ao menos, se um raio do Sol o sabe vivo e de olhos abertos, pelas artes de Zeus que não quer aniquilar-lhe a raça, fica-nos a esperança dele poder voltar ao seu palácio.

Acabas de ouvir a verdade.

*(O Arauto entra no Palácio)*

CORO-Quem deu tão acertadamente o seu nome a Helena, a não ser um deus invisível que, na sua presciência, nos faz falar a linguagem do Destino? Esta Helena que o esposo reclama, lança na mão, Helena, objeto de briga, nascida para perdição de navios, perdição de homens, perdição de cidades, ela que, saindo de suas luxuosas cortinas, fugiu no mar, à brisa do gigante Zéfiro, enquanto inúmeros caçadores, armados de escudos, avançavam sobre o sulco apagado da nau e aportavam às margens sempre verdejantes do Sixnois, para travar luta sangrenta.

A Cólera., de infalíveis desígnios, empurra contra Ilion uma verdadeira aliança de morte. Mais tarde fará pagar o desprezo da mesa hospitaleira e de Zeus, seu Protetor, àqueles todos que, abertamente cantaram o himeneu, o qual, em honra da noiva, entoaram um dia seus cunhados.

A velha cidade •de Príamo. após o hino de alegria, aprende o hino do luto, e geme pesadamente, amaldiçoando Páris, o Noivo funesto, depois de ter dolorosamente suportado a perda de seus filhos em inútil matança.

Assim um homem alimentou em sua casa um filhote de leão privado do leite da mãe: nos primeiros dias, manso, brincava nos braços do dono, à maneira de uma criancinha de peito, e alegre acariciava-lhe a mão, quando sentia fome.

Mas, com o tempo, manifestou a índole de seus pais. Em paga do carinho recebido dos que o alimentaram, prepara-se para ser convidado a um banquete com morticínio de ovelhas. A casa fica manchada de sangue, dor incurável para os seus moradores, flagelo intolerável, imensa matança. Foi um sacerdote de Ate, a Vingança divina, mandado por um deus, que esta casa alimentou . . .

Do mesmo modo, posso dizer que chegou à cidade de Ilion uma impressão de paz, sem a menor aragem, pacífico adorno da riqueza, doce dardo para os olhos, flor de amor que morde o coração. Mas tudo mudou. Amargo foi o desenlace das núpcias. Foi para perder a quem a acolhera, para perder quem a frequentou, que veio à casa dos Priâmidas, conduzida por Zeus Hospitaleiro, esta Erínia com seu dote de lágrimas.

De há muito os mortais vão repetindo um velho ditado: **felicidade** humana, quando grande demais, gera, não morre estéril; da prosperidade brota um infortúnio insaciável.

Eu porém, afastado dos outros, fico sozinho e penso: não, é a ação ímpia que gera depois muitas outras, parecidas com sua mãe. Pois, nos lares onde reina a justiça, a prosperidade tem belos filhos, sempre.

Pelo contrário, a antiga Desmedida, entre os maus, faz nascer uma nova desmedida, mais cedo ou mais tarde, quando chega o dia marcado para um novo parto, e com ela uma divindade indomável, invencível, ímpia-a negra Ate, flagelo para as casas, parecida com quem a gerou.

A Justiça resplandece em habitações enegrecidas pela fumaça e enobrece as vidas puras. Mas dos palácios recamados de ouro, manchados porém por mãos ímpias, ela desvia os olhos e os pouça no que é santo, sem consideração pelo poder do ouro, moeda falsa para pagar o elogio.

É ela que tudo conduz ao seu termo.

*(Agamemnon entra, de pé sobre seu carro; num outro carro  
Cassandra está sentada. imóvel, o olhar fixo)*

CORIFEU-Ah! . . . Rei, filho de Atreu, destrutor de Tróia, como hei de te saudar? Como hei de te venerar sem ir além ou sem ficar aquém da justa homenagem? Muitos mortais, preocupados pelas aparências ultrapassam a justa medida.

Todos estão prontos para gemer sobre o homem infeliz, sem que a menor mordedura de pesar lhes atinja o coração-e igualmente fingem se associar à alegria, violentando o rosto que não queria sorrir. Mas todo bom pastor que conhece seu rebanho não se deixa enganar por olhares que parecem revelar um coração dedicado, mas que acariciam com falsa amizade.

Quando outrora, por causa de He'ena, levantaste um exército não o ocultarei-tu foste por mim grosseiramente condenado como incapaz de dirigir o leme da razão, pois tentavas reconduzir, com a morte de guerreiros, uma impúdica voluntária.

Mas agora, do fundo do coração, como verdadeiro amigo, congratulo-me com quem cumpriu até o fim sua tarefa. Com o tempo conhecerás, se quiseres te informar, quem--dentre os cidadãos que ficaram em casa-procedeu com lealdade ou com perfídia.

AGAMEMNON-Devo primeiro saudar Argos e seus deuses que me ajudaram na minha volta e no justo castigo que infligi à cidade de PríamQ, pois os deuses que não julgam conforme as palavras, unanimemente depuseram na urna sangrenta votos de destruição para Tróia e de morte para seus guerreiros. Na urna da clemência, pelo contrário, a mão que dela se aproximava trazia só a esperança e deixava a urna vazia.

Agora, a fumaça indica onde estava a cidade conquistada. Aí as rajadas de Ate sopram ainda, enquanto moribunda exala vapores carregadas de riquezas.

Devemos aos deuses uma gratidão fiel, pois que, com uma cólera sem medida, conseguimos nos vingar do rapto e, por causa de uma mulher, a cidade foi destruída, por meio do monstro argivo, saído das entranhas dum cavalo, exército armado de ligeiros escudos, o qual, ao por das Pleíades, deu um salto e, pulando por cima das muralhas, lambeu profusamente o sangue real.

Por isto, prolongo esta minha saudação aos deuses.

Quanto aos sentimentos que expressaste, recordo-os e, fazendo-os meus, digo contigo: são poucos os homens naturalmente dispostos a homenagear, sem inveja, o amigo feliz, pois quando o veneno do ódio penetrou num coração, é duplo sofrimento para o portador desta doença. Sente o peso das próprias desgraças e geme ao ver a felicidade de outrem. Sei que o digo, pois bem conheço o espelho da amizade: era o fantasma de uma sombra a afeição dos que pareciam ser verdadeiramente meus amigos. Só Ulisses, que embarcou de má vontade, esteve sempre, quando atrelado, pronto a arrancar comigo. Seja ele vivo ou morto, dou-lhe meu testemunho.

No que se refere à cidade e aos deuses abriremos debates públicos e deliberaremos. O bem, teremos de consultar sobre a maneira de torná-lo durável .e permanente. Mas onde for necessário usar remédios salutares. queimando ou talhando com prudência, procuraremos desviar o flagelo do contágio.

Agora vou entrar no Palácio. no íntimo do lar, para primeiro saudar os deuses que, depois de me terem, enviado para longe, me trouxeram de novo aqui. Que a vitória que me acompanhou permaneçame fiel para sempre!

*(Clitemnestra sai do Palácio. Escravas seguem-na carregando fazendas preciosas)*

CLITEMNESTRA-Cidadãos, augusta assembléia dos Argivos, não corarei ao expressar diante de vós meus transportes amorosos. O tempo abafa a timidez nos corações. Não recito lição aprendida; direi a minha própria vida de sofrimento durante todo o tempo que este homem passou sob os muros de Ilion. Primeiro, para uma mulher, ficar em casa, separada do marido, sozinha, é um mal tremendo; e, quando, ainda por cima, chega um mensageiro. depois outro, trazendo notícias cada vez piores, todas anunciando desgraças para esta casa... Se este homem tivesse recebido tantas feridas quantas o rumor fez chegar ao Palácio, poder-se-ia dizer que seu corpo tem mais buracos do que uma rede; e se tivesse morrido tantas vezes quantos os rumores que se vinham multiplicando,

poderia gloriar-se novo Gerião, de ter três corpos e de ter dado aos três o manto do túmu'o, morrendo uma vez em cada um de seus invólucros!

Por causa destes rumores exasperantes, muitas vezes preendi meu pescoço a um laço, do qual me arrancavam à força. E é por isso também que o teu filho não está aqui, como conviria, Orestes, o penhor da minha e da tua fidelidade. Não o estranhes! Um hóspede amigo cria-o, Strofios da Fócida, que me representava duplos perigos: o risco que corrias em Ilion, e, aqui, a revolta do povo que derrubaria o Conselho, pois pisar quem caiu é tendência inata nos mortais. Tais motivos não ocultam engano algum.

Quanto a mim, a fonte das lágrimas que me jorravam dos olhos já secou. Não tenho mais uma lágrima sequer. Queimei meus olhos em longas vigílias, durante as quais te chorava no interminável silêncio dos sinais do fogo. E nos meus leves sonhos despertava com o zumbido do mosquito, e desenhavam-se-me nos olhos as sofrimentos que te envolviam, mais numerosos do que os minutos do sonhar.

Agora, depois de tanto sofrer, a alma enfim livre de suas angústias, posso chamar a este homem cão do estábulo, amarra salvadora da nau, coluna sustentadora do alto teto. filho único de seu pai a aparecer inesperadamente aos marinheiros, dia o mais belo que se possa ver após a tempestade, fonte de água viva para o viajante sedento. A alegria de escapar ao Destino é encantadora! Julgo-a digna de tais nomes. E que a inveja silencie! Pois por esta alegria temos sofrido bastante!

Agora, ó meu amado, desce deste carro, mas não pouses no chão esse teu pé, ó Rei, esse pé que derrubou Ilion! Por que tardais, escravas a quem ordenei cobrir com tapetes o solo que seu pé vai pisar? Que nasça logo um caminho de púrpura que o leve até a habitação inesperada aonde a Justiça ~o conduz. O resto, um pensamento nunca vencido pelo sono o executará, justamente, com o auxílio dos deuses, segundo a vontade do Destino.

AGAMEMNON-Filha de Leda, guardiã de meu lar, as tuas palavras se mediram pela minha ausência; falaste longamente. Mas se louvores nos são devidos, as honras nos devem vir dos outros. Depois, não me trates assim molemente, como a uma mulher, nem me acolhas, como a um bárbaro, joelhos dobrados e boca gritando, nem junques o caminho com tecidos, para não despertar a inveja. Só deuses devem ser assim honrados. Eu, mortal, não posso sem receio caminhar por estes magníficos bordados, Honrai-me como homem e não como deus. Mesmo sem tapetes e sem tapeçarias se faz ouvir o meu renome e a prudência é o maior dom dos deuses. Só deve ser julgado feliz aquele que terminou sua vida em pacífico bem estar. Repito: o que queres não posso fazer sem apreensões.

CLITEMNESTRA-Mas fala-me com sinceridade.

AGAMEMNON-Crê que sempre de mim obterás a sinceridade.

CLITEMNESTRA-Prometeste aos deuses, num perigo, agir assim?

AGAMEMNON-Se uma voz autorizada mo tivesse ordenado.

CLITEMNESTRA-Se Príamo tivesse vencido, que te parece teria feito ?

AGAMEMNON-Penso que teria caminhado sobre tapeçarias

CLITEMNESTRA-Então, não temas a censura dos homens.

AGAMEMNON-Temo a opinião do meu povo: ela é muito poderosa.

CLITEMNESTRA-Quem não é invejado não é digno de o ser.

AGAMEMNON-Não fica bem a mulher desejar a luta.

CLITEMNESTRA-Convém, mesmo aos homens felizes, serem, às vezes, vencidos. AGAMEMNON-Então, tu também, fazes questão de vencer nesta luta ?

CLITEMNESTRA-Sim; cede-me, pois, de bom grado, a vitória.

AGAMEMNON- Pois bem! Já que assim queres, que alguém, depressa, me deslace as sandálias, servas dos pés que calçam e, quando caminhar sobre a púrpura, que o olhar invejoso dos deuses não caia do alto sobre mim!

É grande vergonha, com efeito, arruinar uma casa, esbanjando para os pés um tal :uxo de tecidos caríssimos. Mas basta.. . (Mostrando *lhe Cassandra*). Acolhe com bondade esta estrangeira. Lá do alto os deuses olham com benevolência a quem manda com doçura. Ninguém suporta de bom grado o jugo da escravidão. Esta moça é uma flor escolhida entre muitos tesouros, um dom de meu exército, que me acompanhou. Vamos! já que me deixei vencer por tuas palavras, entrarei no Palácio pisando a púrpura.

*(Agamemnon dirige-se lentamente para o Palácio, enquanto Clitemnestra responde com ênfase)*

CLITEMNESTRA-Há o mar-e quem o exaurirá?-o mar que alimenta e sempre renova a preciosíssima tinta de púrpura para tingir nossos tecidos. Graças aos deuses, Senhor, nossa casa pode possuir tais riquezas. Nosso palácio não conhece a pobreza. Teria oferecido quantidade de outras fazendas a estender sob teus pés, se, nos templos fatídicos, a ordem me tivesse sido dada, quando me preocupava em achar o resgate desta vida querida. Enquanto a raiz viceja, a folhagem espalha-se



sobre as casas, estendendo sua sombra contra os raios da canícula. Assim teu regresso ao lar é para nós uma volta do verão em pleno inverno e, nos dias em que Zeus transforma em vinho as uvas picantes, se a frescura reina na casa, é que chegou ao lar o homem "acabado".

Ó Zeus, Zeus, tu que tudo acabas, acaba minhas preces e turra a peito a obra que tens de acabar!

*(Clitemnestra entra no Palácio atrás de Agamemnon)*

CORO-Por que este terror contínuo que assedia meu coração profeta e voa obstinadamente a sua volta? Por que meu canto, sem convite nem salário, assim faz de adivinho? Por que não posso cuspir, como se faz para os sonhos obscuros e senta a serena segurança sentar no trono de minha alma?

O tempo já envelheceu desde o dia em que a areia saltava com u meter das popas ao mar, quando a nossa armada se arremessou contra Ilion. E é com meus olhos que vejo seu regresso, eu mesmo sou teste munha. Entretanto meu coração canta, sem lira, o treno da Erínia, que ninguém me ensinou; ele não sente mais a doce ousadia da esperança.

Ora, o íntimo de nosso ser não nos engana, e o coração anuncia sempre a realidade, quando torvelinha sobre entranhas que acreditam na justiça.

Oxalá que tudo isso sejam mentiras de minha apreensão e caia para lá da realidade!

Sim, a demasiada saúde inquieta, pois a doença, sua vizinha, sempre se apronta a jogá-la por terra, e a prosperidade triunfante bate num escolho invisível. Mas, se o terror, manobrando com prudência, sabe alijar parte das riquezas adquiridas, a casa não so~obra inteira, apesar de sua carga de opulência, e a barca não naufraga. As generosas dádivas de Zeus e dos campos cada ano cultivados afastam a doença da fome.

Mas uma vez derramado no chão o negro sangue humano, que encantador poderia de novo chamá-lo ~ às veias? Aquele mesmo que sabia arrancar os mortos do reino das sombras, Zeus não o deteve, para o nosso bem?

Se o Destino estabelecido pelos deuses não tivesse limitado o destino de cada um, meu coração, adiantando-se-me a língua, tudo revelaria. Mas agora só geme na sombra e na dor, sem poder esperar que um conselho oportuno saia, até o fim, de meu coração em chama.

*(Clitemnestra aparece de novo na soleira do Palácio e dirige-se a Cassandra)*

CLITEMNESTRA-Entra, tu também; é a ti que falo, Cassandra. Uma vez que Zeus, na sua bondade, decidiu que nesta casa tivesses parte conosco à água lustral, e que, de pé no meio de numerosos escravos, ficasses perto do atar do protetor de nossos bens, desce deste carro e não te obstines no teu orgulho. Pois diz-se que o próprio filho de Alcmena foi outrora vendido e se resignou a viver com o pão do escravo. Para quem é constrangido a suportar tal sorte, é ainda grande graça servir a

senhores ricos de antiga linhagem. Aqueles que inesperadamente obtiveram magnífica colheita torram-se duros e injustos em tudo com seus escravos. Mas entre nós obterás o que é conveniente.

(Silêncio)

CORIFEU a Cassandra-É a ti que ela acaba de falar, e em termos claros. Apanhada na rede do Destino, obedece, já que tens de obedecer -mas queres desobedecer?

CLI.TEMNESTRA-Se ela não tiver, como a andorinha, uma linguagem desconhecida e bárbara. procurarei de hom grado, por minhas palavras, fazer entrar a persuasão no seu espírito.

munha. Entretanto meu coração canta, sem lira, o treno da Erínia, que ninguém me ensinou; ele não sente mais a doce ousadia da esperança.

Ora, o íntimo de nosso ser não nos engana, e o coração anuncia sempre a realidade, quando torvelinha sobre entranhas que acreditam na justiça.

Oxalá que tudo isso sejam mentiras de minha apreensão e caia para lá da realidade!

Sim, a demasiada saúde inquieta, pois a doença, sua vizinha, sempre se apronta a jogá-la por terra, e a prosperidade triunfante bate num escolho invisível. Mas, se o terror, manobrando com prudência. sabe alijar parte das riquezas adquiridas, a casa não so~obra inteira, apesar de sua carga de opulência, e a barca não naufraga. As generosas dádivas de Zeus e dos campos cada ano cultivados afastam a doença da fome.

Mas uma vez derramado no chão o negro sangue humano, que encantador poderia de novo chamá-lo ~ às veias? Aquele mesmo que sabia arrancar os mortos do reino das sombras, Zeus não o deteve, para o nosso bem?

Se o Destino estabelecido pelos deuses não tivesse limitado o destino de cada um, meu coração, adiantando-se-me a língua, tudo revelaria. Mas agora só geme na sombra e na dor, sem poder esperar que um conselho oportuno saia, até o fim, de meu coração em chama.

*(Clitemnestra aparece de novo na soleira do Palácio e dirige-se a Cassandra)*

CLITEMNESTRA-Entra, tu também; é a ti que falo, Cassandra. Uma vez que Zeus, na sua bondade, decidiu que nesta casa tivesses parte conosco à água lustral, e que, de pé no meio de numerosos escravos, ficasses perto do atar do protetor de nossos bens, desce deste carro e não te obstines no teu orgulho. Pois diz-se que o próprio filho de Alcmena foi outrora vendido e se resignou a viver com o pão do escravo. Para quem é constrangido a suportar tal sorte, é ainda grande graça servir a senhores ricos de antiga linhagem. Aqueles que inesperadamente obtiveram magnífica colheita torram-se duros e injustos em tudo com seus escravos. Mas entre nós obterás o que é conveniente.

(Silêncio)

CORIFEU a Cassandra-É a ti que ela acaba de falar, e em termos claros. Apanhada na rede do Destino, obedece, já que tens de obedecer -mas queres desobedecer?

CLITEMNESTRA-Se ela não tiver, como a andorinha, uma linguagem desconhecida e bárbara. procurarei de hom grado, por minhas palavras, fazer entrar a persuasão no seu espírito.

CORIFEU a Cassandra-Segue-a. No teu caso, o seu conselho é o melhor. Obedece e abandona esse assento no carro.

*(Silêncio)*

CLITEMNESTRA-Não tenho tempo a perder aqui à porta. Já, " lá dentro, perto do altar, as vítimas estão prontas para o sacrifício. Se me quiseres escutar, não percas tempo! Se não compreendes nossa língua e não sabes o que digo, à falta de voz, fala-nos com gestos bárbaros.

CORIFEU-A estrangeira parece precisar de um intérprete clarividente. Tem os modos de um animal recém capturado.

CLITEMNESTRA-Ela está louca decerto e obedece ao delírio, ela, que tendo deixado ontem sua cidade conquistada, não sabe ainda andar com o freio sem enchê-lo de espuma ensanguentada. Mas não sofrerei a afronta de gastar mais palavras.

*(CLitemnestra entra no Palácio)*

CORIFEU-Eu tenho compaixão demais para me encolerizar. Vamos infeliz! deixa esse carro, cede ao Destino e experimenta o jugo.

*(Cassandra fica imóvel, olha para a imagem de Apolo colocada perto da porta do Palácio. De súbito, sem um gesto, começa a gritar)*

CASSANDRA-Otototoi, popoi, dá! Apolo! Apolo!

CORIFEU-Por que gemes assim invocando Loxias? Ele não é para se invocar com treno fúnebre.

CASSANDRA-Otototoi, popoi! Dá! Apolo! Apolo!

CORIFEU-De novo seu lúgubre clamor chama o deus que não tem seu lugar nos lamentos.

CASSANDRA-Apolo! Apolo! deus dos caminhos! Apolo, tu que me perdes pela segunda vez-tão facilmente!

CORIFEU-Parece vaticinar sua própria desventura. O sopro do deus mora na sua alma de escrava.

CASSANDRA-Apoio! Apolo! deus dos caminhos! Apolo, tu que me perdes, aonde me trouxeste? A que morada?

CORIFEU-À dos Atridas; se não o sabes, eu to digo. Podes repeti-lo sem mentir.

CASSANDRA-Ah! Dize antes a uma casa odiada dos deuses, cúmplice d.e crimes inumeráveis, de matanças, de cabeças degoladas, matadouro humano encharcado em sangue. CORIFEU a Cassandra-Segue-a. No teu caso, o seu conselho é o melhor. Obedece e abandona esse assento no carro.

*(Silêncio)*

CLITEMNESTRA-Não tenho tempo a perder aqui à porta. Já, " lá dentro, perto do altar, as vítimas estão prontas para o sacrifício. Se me quiseres escutar, não percas tempo! Se não compreendes nossa língua e não sabes o que digo, à falta de voz, fala-nos com gestos bárbaros.

CORIFEU-A estrangeira parece precisar de um intérprete clarividente. Tem os modos de um animal recém capturado.

CLITEMNESTRA-Ela está louca decerto e obedece ao delírio, ela, que tendo deixado ontem sua cidade conquistada, não sabe ainda andar com o freio sem enchê-lo de espuma ensanguentada. Mas não sofrerei a afronta de gastar mais palavras.

*(CLitemnestra entra no Palácio)*

CORIFEU-Eu tenho compaixão demais para me encolerizar. Vamos infeliz! deixa esse carro, cede ao Destino e experimenta o jugo.

*(Cassandra fica imóvel, olha para a imagem de Apolo colocada perto da porta do Palácio. De súbito, sem um gesto, começa a gritar)*

CASSANDRA-Otototoi, popoi, dá! Apolo! Apolo!

CORIFEU-Por que gemes assim invocando Loxias? Ele não é para se invocar com treno fúnebre.

CASSANDRA-Otototoi, popoi! Dá! Apolo! Apolo!

CORIFEU-De novo seu lúgubre clamor chama o deus que não tem seu lugar nos lamentos.

CASSANDRA-Apolo! Apolo! deus dos caminhos! Apolo, tu que me perdes pela segunda vez-tão facilmente!

CORIFEU-Parece vaticinar sua própria desventura. O sopro do deus mora na sua alma de escrava.

CASSANDRA-Apoio! Apolo! deus dos caminhos! Apolo, tu que me perdes, aonde me trouxeste? A que morada?

CORIFEU-À dos Atridas; se não o sabes, eu to digo. Podes repeti-lo sem mentir.

CASSANDRA-Ah! Dize antes a uma casa odiada dos deuses, cúmplice d.e crimes inumeráveis, de matanças, de cabeças degoladas, matadouro humano encharcado em sangue.

CORIFEU-A estrangeira tem, parece, fardo de cadela; fareja e vai encontrar sangue.

CASSANDRA-Ah! Eu creio nestes testemunhos: aquelas criancinhas a chorar sob a faca, e suas carnes assadas devoradas pelo pai.

CORMU-Sabemos todos de teu renome de profetiza, mas não precisamos de adivinhos.

CASSANDRA-Ah! Popoi! Que se está tramando? Que nova e terrível desgraça se prepara nesta casa? Sim, terrível, insuportável, irremediável.-e o socorro está longe...

CORIFEU-O que ela vaticina, não o posso compreender; o resto me é conhecido, toda a cidade o proclama.

CASSANDRA-Ah! Miserável, ousas fazer isso? Banhas o esposo que partilha teu leito e-como direi o desfecho?-vai acontecer depressa: dois braços, um depois do outro, se estendem para ferir.

CORIFEU-Não compreendi ainda. Aos enigmas sucedem agora oráculos obscuros; sinto-me embaraçado...

CASSANDRA-Ah! Horror! Horror! Que vejo eu? Não é uma rede do Hades? Mas a rede é ela mesma, a companheira do leito que se tornou cúmplice do assassinio. Que o bando insaciável (das *Erínias*) solte longo grito de triunfo sobre o infame sacrifício!

CORIFEU-A que Erínia mandas levantar sua lúgubre voz sobre o Palácio? Tua palavra não me alegra.

CORO-Ao meu coração acorre uma onda amarela, como aquela que, nos guerreiros abatidos pela lança, acompanha os últimos clarões de vida, na hora em que a morte se aproxima, rápida.

CASSANDRA-Ah! Olha! Atenção! Afasta-te da vaca! Na cilada de um véu apanhou o touro de negros chifres, e fere-o... E ele cai na banheira cheia d água. . . Eu te conto a história da banheira enganadora e assassina.

CORIFEU-Não me posso gabar de ser agudo conhecedor de oráculos. Mas, nestes prognostico uma desgraça.

CASSANDRA-Ai! Ai! Infeliz de mim! Que triste sorte é a minha! Pois é meu doloroso destino que deito no cálice dos meus cantos. Aonde me trouxeste, infeliz de mim, aonde senão a morrer, eu também?

CORO-Deliras, joguete de um deus, cantando assim para ti um canto sem encanto. És como o rouxinol fulvo que nunca se cansa de chamar "Itis! Itis! ", e lastima, ai! em seu coração dolorido, a vida demasiadamente rica em sofrimentos.

CASSANDRA=Ai! Ai! o destino do rouxinol melodioso! Os deuses o revestiram de um corpo alado; não fossem seus gemidos, sua vida seria só saborosa. Mas eu, é o fio de ferro que corta as cabeças que ine espera.

CORO-Quem te revela as vãs catástrofes mandadas pelos deuses e os tremendos oráculos que modulas, ao mesmo tempo em lúgubres clamores e em gritos agudos? Quem te revela as palavras sinistras que juncam o caminho de tuas profecias?

CASSANDRA--Ai! Núpcias! Núpcias de Páris, que perderam meus amados! Ai! Rio Scamandro, em que minha pátria bebia! Outrora, eu infeliz, fui criada em tuas margens, cresci a teus cuidados. Mas hoje, em breve é, parece, nas margens do Cocito e do Aqueronte que vou profetizar.

CORO-Que palavra, clara demais, acabas de proferir? Desta vez, uma criança a compreenderia! Sinto-me ferido, como por uma mordedura sangrenta, por tua sorte dolorosa, ao te ouvir clamar tuas desditas lamentosas que me rasgam o coração.

CASSANDRA-Ai! Catástrofe! Catástrofe de minha cidade para sempre perdida! Ai! Hecatombes dos animais de nossos prados que meu pai imolava para salvar nossas muralhas! De nada valeu o remédio: não impediu que a cidade sofresse seu destino. Quanto a mim, com o coração a arder, vou me abater no chão!

CORO-Este novo oráculo encadeia-se aos anteriores. Algum deus, cheio de cólera, sobre ti caiu com todo seu peso, e te faz cantar estes lastimáveis e mortais sofrimentos. Mas não atino com o fim de tudo isso.

*(Cassandra desce do carro à*

CASSANDRA-O oráculo não se mostrará mais por detrás de véus, à maneira de jovem noiva. Num salto fulgurante vai lançar-se ante o despontar do sol, de modo a banhar com sua luz, como por uma vaga, uma desgraça muito maior ainda. Já não vos falarei por enigmas. Sedeme testemunhas de que farei, sem desvio, a pista dos crimes aqui outrora cometidos. A esta casa, com efeito, nunca abandona o coro de vozes uníssonas, mas desagradáveis, pois não entoam o canto de louvores. Ele bebeu para se dar mais audácia-bebeu sangue humano, o bando, difícil de desalojar, que demora nesta casa, o bando das Erínias da raça. Instaladas no Palácio, elas cantam o hino do crime inicial, - depois, por sua vez, cospem com horror o leito do irmão, leito de maldição para quem o manchou. Como flecheiro, errei ou atingi o alvo? Por acaso sou eu uma falsa adivinha que vai bater de porta em porta tagarelando?-Sê-me testemunha, mas jura ames que nunca ouviste falar dos antigos crimes deste Palácio.

CORIFEU-E como o juramento o mais nobremente garantido poderia vir a ser remédio? Mas admiro-te, pois criada além do mar e falando outra linguagem. encontras por toda a parte a verdade, como se estivesses presente.

CASSANDRA-Apolo o Adivinho me confiou esta tarefa.

CORIFEU-E ele, apesar de deus, não estava ferido de amor?

CASSANDRA-Outrora, teria corado em falar destas coisas.

CORIFEU-É-se delicado nos dias de prosperidade.

CASSANDRA-Ele lutava para me conquistar, abrasado de amor.

CORIFEU-E evAen!ementc, como os outros, vos unistes?

CASSANDRA-Prometi a Lóxias e traí o juramento.

CORIFEU-Possuias já então a arte de adivinhar?

CASSANDRA-Já predizia a meus concidadãos todas as calamidades.

CORIFEU-O que? a cólera de Lóxias te deixou impune?

CASSANDRA-Desde que o enganei, ninguém acreditou em mim,

CORIFEU-Mas, para nós- tuas predições parecem dignas de fé.

CASSANDRA-Ai! Ai! Ah! Ah! Que tormento! De novo a inspiração profética me agita, terrível, e me perturba com seus prelúdios.' Vedes estes jovens sentados perto do Palácio. semelhantes aos fantasmas dos sonhos? Filhos mortos por amigos, mãos cheias de carnes, repasto dos familiares; apresentam uma lamentável carga de vísceras e entranhas que o pai vai provar. Eis de que, digo-vos. alguém medita a vingança. Um leão covarde que fica em casa a rolar-se no leito, ai!, à espera da volta do senhor meu, meu, pois que devo levar o jugo da escrava.

O chefe\_da armada. o destrutor de Ilion não sabe o que a odiosa cadela cuja língua diz e repete a alegria, lhe prepara, oculta potência de morte para sua infelicidade. A tanto chega a impudência! Fêmea assassina do macho –do que poderei chamar esta fera odiosa que poderei chamar esta fera odiosa? Dragão de duas cabeças ou Sila que habita nos rochedos, flagelo dos marinheiros? Mãe, sacerdotiza do Hades, que implacável, não respira senão a guerra com sua família? Que grito de trinufa ela soltou, acelerada, como grito de guerreiro na derrota dos inimigos! Entretanto parece alegrar-se com n regresso do esposo salvo. Mas, que me acrediteis ou não, pouco importa! O que deve acontecer acontecerá. E tu que em breve o presenciáras; dirás, cheio de compaixão, que fui verídica profetiza.

CORIFEU-Compreendi que falaste do festim preparado para Tieste com a carne dos filhos e senti arrepios; o terror se apodera de mim ao ouvir a verdade crua e sem imagens. Quanto aos demais enigmas, ainda corro perdido, fora da pista.

CASSANDRA-Afirmo que verás a morte de Agamemnon.

CORIFEU-Desgraçada, cala-te! Deixa dormir essa língua.

CASSANDRA-Não. não há remédio para os males que anuncio.

CORIFEU-Se devem se realizar... mas que os deuses nos preservem!

CASSANDRA-Tu podes fazer votos-eles preparam o assassínio.



CORIFEU-Que homem prepara este sacrifício infame?

CASSANDRA-Andas bem longe do sentido de meus oráculos.

CORIFEU-Não vejo como poderia agir o criminoso.

CASSANDRA-Entretanto sei falar a língua da Helade.

CORIFEU-A Pítia também nos seus oráculos. Eles, porém, são difíceis de compreender.

CASSANDRA-Ai! Ai! Que fogo é este? Avança sobre mim. Ototoi! Apolo! Licio! Piedade! Piedade! É ela a leoa de dois pés que dormia com o lobo na ausência do nobre leão. É ela que vai me matar, pobre de mim! Na taça em que prepara o veneno, ela mistura também meu salário à sua vingança. Afia o punhal contra o esposo e vangloriase de. puní-lo por me ter trazido aqui. Por que continuar com estas insígnias fatídicas no pescoço? Eu vos destruirei antes de eu mesma perecer!

*(Parte n bastão augurai, arranca as fitas e lança-as no chão)*

Sede malditos! É minha desforra ao ver-vos por terra! Ide enriquecer de desditas alguma outra em minha vez! Eis! É o próprio Apoio que me despe este manto profético, mas depois de me ter visto grandemente ridicularizada com estes adornos, pelos amigos e pelos inimigos, unanimemente\_e para nada. Tive de suportar ser chamada "louca", como se fosse charlatã, pobre mendiga faminta. E agora, o Profeta que me fez profetiza me trouxe aqui, para este destino de morte: em vez do altar paterno, um cepo de cozinha me espera, purpurado pelo sangue quente de minha degolação!

Mas os deuses, ao menos, não deixarão minha morte impune. Um outro virá, um vingador, filho nascido para matar e vingar o assassínio do pai. Exilado, errante, banido desta terra, ele voltará para por um fecho nas desgraças dos seus. O apelo súplice do pai abatido o conduzirá Por que, então, gemo assim, cheia de compaixão por mim mesma? Já que vi primeiro a cidade de Ilion tratada como o foi, e que agora vejo os que a conquistaram serem exterminados, por um juízo dos deuses, vamos! Serei forte e suportarei a morte, pois os deuses juraram n grande juramento!

Saúdo nestas portas as portas do Hades, e não desejo mais nada, senão um golpe certo, o qual, sem convulsões, em ondas de sangue que matam docemente, venha me cerrar as pálpebras.

CORIFEU-Oh! mulher tão infeliz e tão sábia, falaste longamente; mas, se conheces verdadeiramente a morte que te espera, por que, como uma novilha votada aos deuses, andas cheia de coragem para o atar?

CASSANDRA-Nada me pode salvar. Para que, estrangeiros, alguns

instantes mais? -

CORIFEU-Mas a última hora é a mais preciosa.

CASSANDRA-O meu dia chegou; pouco adianto com a fuga.

CORIFEU-És verdadeiramente nobre pela intrepidez de tua alma.

CASSANDRA-Isto não se costuma dizer aos felizes deste mundo.

CORIFEU-Morrer com glória é honra para um mortal!

CASSANDRA-Ai de ti, meu pai, e de teus nobres filhos!

(Dirige-se para o Palácio, mas bruscamente recua)

CORIFEU-Que há? Que medo te fez recuar?

CASSANDRA-Ah! Ah!

CORIFEU-Por que esse grito? Que objeto de horror se apresenta a teu espírito?

CASSANDRA-Este palácio cheira assassínio e sangue derramado.

CORIFEU-É o cheiro dos sacrifícios no lar.

CASSANDRA-É como a exalação que sai dum túmulo.

CORIFEU-Tu atribuis ao palácio um perfume que não é de incenso.

CASSANDRA-Irei entre os mortos chorar a minha sorte e a de Agamernnon. Basta de viver!

(De novo *anda para* o Palácio, de *novo recua*)

CASSANDRA-Ah! Estrangeiros, não temo, como a ave que pia assustada diante de uma moita. Peço-vos somente que, depois de minha morte, de tudo deis testemunho por mim, quando, em expiação de minha morte, uma mulher morrer pela mão de outra mulher, e, em expiação (la morte de um esposo infeliz, outro homem cair. Eis o presente de hospedagem que peço ao morrer.

CORIFEU-Pobrezinha! Compadeço a sorte que estás prevendo.

CASSANDRA-Uma só palavra ainda; não quero cantar meu próprio treno. mas ao Sol dirijo uma súplica, fitando o seu úllirno c.arâr~: oxalá meus vingadores façam pagar aos meus assassinos a (li) -ida da escrava que foi presa fácil!

*(Cassandrn entra no Palácio; a porta central fecha-se)*

CORIFEU--Ah! Triste sorte dos homens! Sua felicidade é seme--lhante a um ligeiro esboço; .vem a desgraça, passa-se uma esponja úmid:z. o desenho desaparece... E é esta fragilidade, mais do que a desgi açã atual. que eu lamento.

O insaciável desejo de prosperidade germina em todos os mortais; não há ninguém que. dedo levantado, a afaste de sua morada. dizendolhc: "Nãt, cnfres mais!" A este, homem os Bemaventurados concederam apoderar-se da cidade de Príamo e ei-lo chegado a casa, cumulado de honra reles deuses! Alas. se deve hoje pagar pelo sangue derramado por seus antepassados, e, com sua morte provocar outras mortes para vincar a sua, quem entre os homens poderia. depois de ouvir isto, gabarse de ter nascido para um destino isento de inales?

*(0i1z:euz-se gritos vindo do interior do palácio do Palácio)*

AGAMENINON---Ai! Feriram-me em pleno peito!

CORIFEU--Escuta! Quern grita mortalmente ferido?

ACAMENINON-Ai! Ai! Ainda outro golpe!

CORIFEU-0 crime cstá consumado. Parece-me que são os gernidos do Rei. ramos. amuos, procuremos em comum conselhos certos.

1.º COREUTA-Meu conselho, ei-lo: gritar aos cidadãos para que venham aqui. ao palácio.

2.º COREUTA- -A mim parece melhor saltar lá dentro o mais depressa possível e colher o crime com a espada ainda sangrenta.

3.º COREUTA Eu sou do mesmo parecer: voto pela ação. Não é hora de hesitar.

4.º COREUTA-Convém aguardar; isto é só um principio, o anúncio da tirania que preparam para a cidade.

5.º COREUTA-Estamos a temporizar! Eles calcam nos pés a glória de hesitar e não deixam dormir seus braços.

6.º COREUTA-Eu não sei que conselho dar; quem quer agir, deve primeiro refletir.

7.º COREUTA-Também eu assim penso. pois não é com palavras que se pode ressuscitar um morto.

8.º COREUTA-Então. para prolongarmos a nossa vida nos dobraremos aos dominadores aue mancham o Palácio?

9.º COREUTA-Issso não é tolerável! Mais vale morrer. A morte é mais doce do que a tirania.

10.º COREUTA-Mas, apenas por ouvir gemidos, vamos profetizar .a morte de nosso Rei!

11.º COREUTA-É só quando se sabe que se deve indignar. Ora, conjecturar não é saber.

CORIFEU-Aprovo plenamente esta proposta: saber exatamente o que aconteceu ao Atrida.

*(A porta central abre-se; aparecem mortos, lado a lado Agamemnon e Cassandra. Perto dos dois cadáveres Clitemnestra está de pé, em\_punhando a espada ensanguentada)*

CLITEMNESTRA-Não me envergonharei de desmentir agora as palavras que, há pouco, me inspirava a oportunidade. De outra maneira, como se poderia preparar a ruína dos inimigos que se finge amar,

erguer-lhes os laços da perdição, bem estendidos e tão alto que não os possam transpor de um salto?

Esta luta. há muito que nela pensava. Chegou o momento da vitória, enfim!. e eu fico onde feri: esta vez tudo acabou! Assim foi que agi-não o negarei-para que ele não pudesse nem fugir nem afastar a morte: estendi à sua volta uma rede sem saída, como a dos peixes, um rico tecido traiçoeiro. Vibrei-lhe dois golpes, e com dois gemidos ele deixou descair os membros. E, quando ficou abatido, descarreguei-lhe ainda um terceiro, como oferenda votiva ao Zeus Salvador dos mortos que reina debaixo da terra.

Ele cai e exala o espírito. E, expelindo com violência uma golfada de sangue, atinge-me com gotas negras de orvalho sangrento, que não me são menos agradáveis do que o brilhante orvalho de Zeus para o germe no seio do rebento.

Eis os fatos, anciãos veneráveis de Argos. Que agradem ou não,

|

eu deles me vanglorio ! Se fosse coisa admitida fazer libações sobre um

cadáver, isso aqui seria justo, mais do que justo, até: tanto este homem' encheu de crimes e execrações, nesta casa, a cratera que, ao voltar, teve de beber!

CORIFEU-Estranhamos a linguagem de tua boca insolente: gloriaste assim, tratando-se de um esposo.

CLITEMNETRA-Vós me tendes na conta de mulher irrefletida! Mas, digo com um coração que não treme, a vós que bem o sabeis: que me queirais louvar, que me queirais censurar, para mim é o mesmo.

Este é Agamemnon, meu esposo. Dele minha mão fez um cadáver -obra de boa artesã. Disse.

CORO-Que erva envenenada comeste, mulher, que bebida espremida das águas do mar tomaste, para pensares, depois desse sacrifício, que possas afastar e cortar as imprecações -de um povo? Doravante, ficarás sem pátria e o ódio potente dos cidadãos cairá sobre ti.

CLITEMNESTRA-Assim, tu me condenas hoje ao exílio, ao ódio dos cidadãos, às imprecações de um povo! Mas contra ele tu não te insurgiste quando, sem nenhuma consideração-como um homem que toma para o sacrifício uma das muitas ovelhas de seus rebanhos lanígeros-ele imolou sua própria filha, o fruto queridíssimo de minhas entranhas, para encantar os ventos da Trácia! Não era ele que se devia expulsar desta cidade, para expiar seus crimes? E só ao ouvires o que fiz, tu te tornas para mim um juiz implacável? Podes me ameaçar, estou pronta para to retribuir. Se teu braço vencer, dominar-me-ás. Mas se um deus decidir o contrário, ainda que já tarde, aprenderás a ter prudência.

CORO-És soberba e falaste insensatamente. Pois após o crime que o ensangrentou, o teu espírito, no seu delírio, julga que a mancha de sangue é ornamento para tua frente! Desprezada, abandonada pelos amigos, terás de pagar golpe por golpe.

CLITEXINESTRA--Queres ouvir o decreto de meus juramentos?

Não, pela Justiça que vingou minha filha, por Ate e por Erínia, às quais imolei este homem, nunca o terror penetrará em minha casa, enquanto, para acender o fogo de meu lar, Egisto estiver aqui, conservando-me como antes sua benevolência. É ele o largo escudo de minha confiança. -

Jaz por terra o homem que me ultrajou, as delícias das Criseis sob Ilion! E ela também, a cativa, a adivinha, a vidente que ele colocou em seu leito, ei-la, fiel, partilhando de sua cama fúnebre como partilhava de seu banco, no mar! Ambos tiveram a sorte que mereciam. Ele caiu como sabeis. Ela, tal

um cisne, cantou o último canto lamentoso da morte, e agora jaz ao seu lado, sempre sua amante. E foi para mim que meu esposo a trouxe, como condimento de meu triunfo!

CORO-Ai! Que morte virá, rápida, sem agudos sofrimentos, sem leito de agonia, trazer-nos para sempre o sono sem fim! Pois sucumbiu o nosso boníssimo protetor, que tanto sofreu por uma mulher e que, hoje, por outra mulher perdeu a vida.

Ah! Louca Helena que, sozinha, aniquilaste sob os muros de Tróia centenas, milhares de vidas e agora puseste à tua obra um fecho inolvidável, com um sangue que não se pode lavar. Decerto, já naquele tempo, habitava nesta casa uma Erínia votada à ruína de um esposo.

CLITEMNESTRA-Não invoques a Moira da morte, por te sentires acabrunhado por estes fatos. Não voltes tua indignação contra Helena, como se fosse ela só que, aniquilando a vida de tantos Gregos, causou um sofrimento impossível de acalmar.

CORO--Gênio, tu que te abates sobre o Palácio e sobre os dois Tantáidas, serves-te de duas mulheres, de almas gêmeas, para me rasgares o coração. Vede-o, pousado sobre um cadáver, como corvo maldito, vangloriando-se de cantar, segundo o costume, seu canto de vitória!

Ah! Louca Helena que, sozinha, aniquilaste sob os muros de Tróia centenas, milhares de vidas, e agora puseste à tua obra um fecho inolvidável, com um sangue que não se pode lavar. Decerto, já naquele tempo, habitava nesta casa uma Erínia votada à ruína de um esposo.

CLITEMNESTRA-Desta vez retificaste teu erro, nomeando o Gênio que três vezes bebeu o sangue desta raça. É ele .que nutre em nossas entranhas a sede de sangue. Antes mesmo de se acabar o antigo sofrimento, nasce um novo abcesso.

CORO-Sim, terrível, terrível para esta casa o Gênio vindicativo de que falas! Ai! Ai! cruel história de um destino funesto e insaciável! Ai! Ai! Isso foi por vontade de Zeus que tudo quer e tudo executa. Pois, sem Zeus, que se pode realizar entre os mortais? Que há, em tudo isso, que não seja obra dos deuses?

CORIFEU-Ai! meu Rei, meu Rei! Como te hei de chorar? Do fundo de meu coração que te ama, que palavra te dirigir? Teu corpo está lá jazendo, envolvido nesta teia de aranha, e a tua alma, tu a exalaste sob um golpe sacrílego.

Ai .de mim! Repousas num leito de escravo, domado pela morte traiçoeira, sob o golpe da espada de dois gumes, vibrado por uma esposa.

CLITEMNESTRA-Pretendes que o crime é meu. Nem acredites que eu seja a esposa de Agamemnon! Apresentando-se sob a forma da esposa deste morto, é o antigo, o inexorável vingador de Atreu, do cruel anfitrião, que lhe faz expiar com a morte n sacrifício das crianças.

CORO-Tu inocente deste crime? Quem disso testemunhará? Como?... Como?... Mas o Gênio vingador da raça bem pode ser teu cúmplice. Se o negro Ares se obstina em derramar as ondas do sangue da raça, é porque a hora chegou de pagar a justiça exigida pelo sangue coagulado das crianças devoradas.

CORIFEU-Ai! meu Rei, meu Rei! Como te hei de chorar? Do fundo de meu coração que te ama, que palavra te dirigir? Teu corpo está lá jazendo, envolvido nesta teia de aranha, e tua alma, tu a exalaste sob o golpe sacrílego.

Ai de mim! Repousas num leito de escravo, domado pela morte traiçoeira, sob o golpe da espada de dois gumes, vibrado por uma esposa.

CLITEMNESTRA-Não creio indigna a sua morte. Não foi ele que hospedou em sua casa a morte pérfida?

A minha filha, a filha que tive deste homem, minha Ifigênia tão chorada-a sorte que lhe deu bem merecia a sorte que sofreu ele mesmo Que ele não se vanglorie pois no Hades: pagou com a morte da espada os crimes que cometeu, primeiro.

CORO-Estou perdido, não atino com que pensar! Para onde voltar. quando o Palácio rui? Tremeo ao fragor da bátega sangrenta sob a qual vai desmoronar, pois, a chuva miudinha cessou.. .

A Moira, em vista de um. novo castigo, aguça sua justiça em novas pedras.

Ai! Terra! Terra! Porque não foi a mim que recebeste, antes que contemplasse este cadáver caído no fundo da banheira de prata? Quem o sepultará? Quem lhe cantará o treno? Ousarás fazê-lo, tu? Ousarás, depois de assassinares teu esposo, acompanhá-lo com tuas lamentações e prestar à sua alma, por tão grande crime, uma homenagem que seria um uaraje? E o elogio fúnebre do herói, quem o pronunciará? E quem terá o cuidado de sobre ele ir chorar com lágrimas saídas de um coração sincero?

CLITEIMNESTRA-Não te compete. a ti, este cuidado. Por meu braço caiu e morreu, por mim também será sepultado, mas sem o pranto dos seus. Só Ifigênia, sua filha, virá, cheia de ternura, como convém, ao encontro de seu pai, junto ao impetuoso rio das dores e, com um beijo, lhe lançará os braços ao pescoço.

CORO-0 ultraje responde ao ultraje. Como julgar é difícil! Fica apanhado quem ia apanhar, quem matou paga a dívida. Uma lei há de permanecer, enquanto Zeus permanecer em seu trono: "Ao culpado o castigo". É lei divina.

Ah! Quem poderia arrancar deste palácio o germe da execração?

A raça é indissoluvelmente unida à Desgraça.,

Ai! Terra! Terra! Por que não foi a mim que recebeste, antes que contemplasse este cadáver caído no fundo .da banheira de prata? Quem o sepultará? Quem lhe cantará o treno? Ousarás fazê-lo, tu? Ousarás, ucirvao UV aS3aãsiitarcs Lcu eâposo, acvtitpatttta-tv com tuas 1d111U11LW~Uve, e prestar à sua alma, por tão grande crime, uma homenagem que seria um ultraje? E o elogio fúnebre do herói, quem o pronunciará? E quem terá o cuidado de sobre ele ir chorar com lágrimas saídas de um coração sincero?

CLITEMNESTRA-Enfim proclamaste a verdade. Quero pois trocar um juramento com o Gênio dos Plisténidas, e no presente me resignar, por duro que seja, contanto que, no futuro, ele saia desta casa e vá esmagar outra raça com assassínios domésticos. Basta-me a mínima parte de nossas riquezas, se conseguir banir desta casa a fúria de mútuos homicídios.

*(Lança a espada longe de si. Egisxo entra na Orquestra, acompanhado de homens armados. 'Para frente ao cadáver de Agamemnon)*

EGISTO-Ó boa luz deste dia justiceiro! Agora já posso dizer que há, para vingar os mortais, deuses a olharem, lá do alto, os crimes da terra, pois vejo este homem caído nos véus tecidos pelas Erínias, a pagar, para alegria minha, as violências pérfidas de seu pai. Com efeito, Atreu, rei desta terra e pai deste homem, vendo Tieste-meu pai e seu irmão para falar claro-disputar-lhe o poder, banuiu-o da cidade e de sua casa. E quando o infeliz Tieste voltou, como suplicante, ao lar de Atreu, aí encontrou hospedagem aparentemente segura: não foi morto e seu sangue não manchou a terra de seus pais. Mas o pai ímpio deste homem, Atreu, hóspede mais obsequioso .do que sincero, sob o pretexto de celebrar alegremente um dia de sacrifício, ofereceu-lhe um banquete com a carne dos próprios filhos!

Quebrava-lhes os pés e as feiras dos dedos... *(versos perdidos)* sentado sozinho à mesa. Tieste, tomando aquela carne irreconhecível, comeu o alimento, fatal-come vês-a toda raça. Depois, sabendo do crime execrável, soltou um gemido e caiu, vomitando as carnes. Sobre os Pelópidas invocou um destino intolerável e, com o pé. atirou por terra a mesa do festim, para acompanhar sua imprecação: "Assim pereça toda a raça de Plistenes!"

Eis porque podes ver este homem no chão. Fui eu o justo urdidor do assassinio. Décimo terceiro filho de meu desgraçado pai, Atreu com ele me exilou, ainda criancinha de colo. Mas cresci e a Justiça trouxe-me aqui. Sem abrir sua porta, pode atingir o homem, armando a cilada e preparando tudo para a armadilha fatal. Agora, mesmo a morte me pareceria bela, pois que o contemplei envolto nas malhas da Justiça.

CORIFEU-Egisto, detesto a insolência no crime. Tu dizes que deliberadamente mataste este homem e que sozinho maquinaste a sua lastimável sorte? E eu te digo que tua cabeça não escapará-fica-o sabendo-à justa vingança do povo carregado de pedras e imprecações.

EGISTO-És tu, sentado no último banco dos remadores, que ousas falar assim? Os que estão na ponte é que governam o leme. Apesar de tua idade, saberás como é duro para um velho ser ensinado, quando a ordem é de ser razoável. Os grilhões e os tormentos da fome são ótimos curandeiros para formar até a velhice. Não enxergas, vendo estes acontecimentos? Não recalцитres contra o aguilhão, com medo que, ferindo-te, venhas a sofrer.



CORIFEU-Eras tu, uma mulher!-pois ficavas em casa aguardando a volta dos homens que pelejavam!-eras tu que ao mesmo tempo manchavas o leite do esposo e maquinavas a morte do herói!

EGISTO-Eis ainda as palavras que não de ser fonte de lágrimas. Tua língua é o contrário da de Orfeu: ele, pelo encanto de sua voz, tudo prendia. Tu, por nos excitares com tuas vociferações estúpidas, serás preso, e sob o jugo amansarás.

CORIFEU-Serás soberano de Argos, tu que maquinaste o assassinio deste homem e não foste capaz de executa-lo com teu braço!

EGISTO- A astúcia evidentemente pertencia à mulher. Eu, velho inimigo, teria sido suspeito. Mas, com os bens deste homem, tentarei mandar nos cidadãos. Quem não obedecer, eu o atrelarei sob o jugo pesado Não espere regalar-se com aveia, como um potro de escol! Pelo contrário, a fome cruel, junto as trevas, o tornará mais manso.

CORIFEU-Por que, covarde! não feriste o herói com tuas mãos? Por que foi uma mulher, vergonha de nossa terra e de nossos deuses, que o matou? Mas Orestes-Orestes não está vivo, para vir um dia, guiado por uma sorte favorável, e matar ambos com seu braço potente?

EGISTO-É assim que pretendes falar e agir? pois hem! vamos, guardas fiéis, o trabalho não nos falta aqui.

CORIFEU-Vamos! Todos! Mão à espada!

EGISTO-Eu também estou pronto a morrer de espada na mão.

CORIFEU-Falas em morrer, tu! Pois, vamos, então, a correr a sorte.

CLITEMNESTRA-Não, ó mais querido dos homens, não causemos outras desgraças! Ceifamos já demasiada messe de sofrimentos! Basta de amarguras! Não empreendas mais nada: estamos ainda cobertos de sangue.

Vai tu, e vós também anciãos, para as casas que o Destino vos deu, antes de sofrerdes ou praticardes algo de inoportuno. O que fizemos era fatal. Se estes males pudessem bastar, não nos queixaríamos, por cruelmente machucados que sejamos pelas garras pesadas do Gênio! Eis o parecer de uma mulher. Que vos apraza escutá-lo!

EGISTO-Mas eles me injuriariam com insolência e me atirariam desafios provocantes! Sem juízo nem pudor ultrajariam seu soberano!

CORIFEU-Nunca, nunca Argos adulará um covarde.

EGISTO-Eu te pegarei nos dias que vêm.

CORIFEU-Não. Se um deus nos trazer Orestes...

EGISTO-Sei que os exilados se alimentam de esperanças.

CORIFEU-Anda, ceva-te, mancha a Justiça, aproveita a ocasião.

EGISTO-Fica sabendo que pagarás caro tua tolice.

CORIFEU-Gloria-te, pavoneia-te, como galo perto da galinha.

CLITEMNESTRA-Despreza estes vãos latidos. Juntos, tu e eu, soberanos deste palácio, saberemos restabelecer a ordem.

*(Clitemnestra e Egisto entram no palácio. O Coro retira-se lentamente)*